



A espetacularização do Casamento Real¹
Helena Tallmann²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente artigo se propõe a realizar um estudo de caso do casamento real de William e Kate, que aconteceu no dia 29 de abril de 2011 na Inglaterra. Através de uma análise de conteúdo de uma publicação da Revista Época e de exibições do Programa Fantástico, estudamos o caso à luz das ideias da sociedade do espetáculo e da influência exercida pelos valores-notícia no jornalismo e na divulgação de informações.

PALAVRAS-CHAVE: sociedade; espetáculo; teorias; jornalismo; casamento

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFJF, email: helenalaget@gmail.com



Catherine Elizabeth Middleton nasceu em 1982, é filha mais velha de três irmãos. Sua família, de origem na classe média, enriqueceu ao abrir sua própria empresa, *Party Pieces*, de venda de artigos para festas infantis pela internet. Com a ascensão financeira e social, Kate e seus irmãos frequentaram ambientes e escolas onde a elite se encontrava, pessoas como William. Já mais velha, Kate decidiu estudar História da Arte na Universidade de St. Andrews, tradicional instituição na Escócia. Há rumores de que a mãe de Kate a tenha pressionado a escolher tal instituição após receber a notícia de que Príncipe William havia feito sua matrícula na mesma universidade.

William é filho de Diana, neto da Rainha Elizabeth II, pertencente à realeza inglesa. Teve seu rosto conhecido no mundo todo em imagens tiradas no funeral de sua mãe. Após a morte da Princesa Diana em 1997, entretanto, ele pôde ter uma vida mais “normal”, diminuindo o assédio da mídia através de um acordo desta com a família real. Dessa forma, ele pôde estudar e até morar em uma república durante seus estudos. Graduando-se em geografia em St. Andrews, onde ele conheceu Kate.

A história de amor se iniciou em 2002. William prestou atenção na jovem depois de vê-la desfilando em um evento beneficente com um vestido semitransparente que mostrava seu corpo esbelto, coberto somente por duas peças pretas de *lingerie*. Nesse mesmo ano, Kate e William dividiram uma moradia com mais dois colegas, e foi então que o relacionamento evoluiu. O namoro de sete anos e meio é firme, apesar de uma breve separação em 2007, envolvendo um flagra da imprensa de William com a mão nos seios de uma brasileira em uma boate.

Em novembro de 2010, o casal anunciou o noivado, William presenteou a moça com o mesmo anel que sua mãe usava, composto por uma safira e quatorze diamantes. Esse também foi o momento de apresentar a plebeia Kate para o mundo. Após o anúncio do noivado, ela se tornou uma das mulheres mais invejadas da atualidade.

O casamento mais esperado do ano aconteceu no dia 29 de abril de 2011, na Abadia de *Westminster* em Londres. A festa teve lugar no Palácio de *Buckingham*, residência oficial da monarquia inglesa. Cada mínimo detalhe da cerimônia foi pensado e organizado, de acordo com a Revista *Época* (que será analisada a seguir), estima-se um gasto superior a 77 milhões de reais nesse evento. O Governo Britânico divulga um número de cerca de 2 bilhões de espectadores.

Para a análise do caso, faremos uma breve descrição da visão de sociedade do espetáculo de Guy Debord. Para os fatores de noticiabilidade, usaremos como base as ideias de Nelson Traquina.



Definição de sociedade do espetáculo, segundo Debord

A sociedade do espetáculo nasceu da separação do mundo, ela surgiu quando o homem foi separado do produto da sua atividade. Portanto, ele já não mais faz parte de toda a cadeia produtiva, tampouco vê o produto final de seu trabalho, já que ambos se tornaram abstrações; e é nas abstrações que a sociedade do espetáculo se baseia.

O espetáculo é algo à parte da sociedade, é a sociedade e é também seu instrumento de unificação. Ele é algo além da sociedade porque a centraliza para si mesmo. É a sociedade porque é a partir do espetáculo que toda a vida é vista. E a unifica, ou seja, unifica a linguagem que nada mais é que a linguagem da separação. Para Debord, "O que une os espectadores não é mais do que uma relação irreversível com o próprio centro que mantém o seu isolamento. O espetáculo reúne o separado, mas reúne-o enquanto separado." (DEBORD, Guy, 2003, p.18).

Para o espetáculo "o que é bom aparece, o que aparece é bom". Nota-se que a visão é então o sentido fundamental para essa sociedade, que é baseada nas imagens. As pessoas deixam de viver o mundo e passam a assisti-lo, através das imagens fornecidas pelos sucessivos espetáculos e reforçadas pela mídia. "Do automóvel à televisão, todos os bens selecionados pelo sistema espetacular são também as suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das «multidões solitárias»". (DEBORD, Guy, 2003, p. 18).

No espetáculo, as pessoas estão unidas no seu isolamento, no seu alienamento frente ao que se apresenta. Já não importa mais o ser, mas sim o ter e o parecer. O espetáculo é inquestionável e absoluto. "A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência." (DEBORD, Guy, 2003, p. 18). É nessa passividade que o espetáculo reúne, porém isoladamente.

O espetáculo é um fim em si mesmo, comandado pelo poder da economia, que usa o homem como mercadoria, usa sua força de trabalho em troca de outras mercadorias. Nessa sociedade, as mercadorias são a última máxima a ser alcançada. Elas são as pseudonecessidades criadas pelo espetáculo, as quais as pessoas se submetem.

Debord afirma que "O homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela" (DEBORD, Guy, 2003, p. 11). Portanto, cada vez menos o homem se identifica consigo, vivendo de acordo com os gestos e regras de terceiros, que



comandam a sociedade do espetáculo e entregam aos homens uma pseudovida. "(...)a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível." (Debord, Guy, 2003,p.11).

Em busca de finalmente ter, parecer, o produto último e perfeito, o ciclo de consumo e alienação se repete inúmeras vezes, assim como as mercadorias, a lógica do mercado e a sociedade do espetáculo estão em constante renovação e dinamismo, nunca trazendo um produto acabado. Sendo que tudo que o homem recebe são somente fragmentos do fruto de seu trabalho.

Debord define bem a sociedade do espetáculo ao afirmar: "A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo". (DEBORD, Guy, 2003, p.19). O espetáculo se encontra em todas as partes, é nele que vivemos, porém, nele não nos encontramos. A vida é regida por necessidades e imagens onde não estamos realmente vivendo, mas nos submetendo a um sistema que produz uma falsa vida, uma realidade invertida, nos levando ao consumo alienado e constante.

Vale aqui ressaltar que, apesar de a visão de Debord ter sido elaborada no século passado, ela ainda se mantém atual e passível de gerar reflexão. A partir de seu pensamento, levando em conta os contextos sociais históricos diferentes, podemos enxergar e compreender mais a nossa sociedade que, desde os tempos de Debord, se torna cada vez mais dependente das imagens.

O motivo de as notícias serem como são

Foram muitos os pesquisadores que se preocuparam, e se preocupam, com o motivo de as notícias serem como são. A conclusão de várias pesquisas é de que existe um padrão geral para a escolha do que se tornará, ou não, notícia.

Alguns exemplos são Galtung e Ruge, Ericson, Baranek e Chan; esses autores são citados por Nelson Traquina (TRAQUINA, Nelson, 2005), cujo pensamento irá embasar o estudo dos valores-notícia que serão usados no presente artigo.

Nelson Traquina explica de maneira clara e eficiente o fator de noticiabilidade, o conjunto de valores-notícia que determinam as escolhas dos jornalistas. Ele divide os valores em dois momentos: valores-notícia de seleção (que determina o que será selecionado para se tornar notícia) e valores-notícia de construção (que determina o que



é relevante para se constar dentro da notícia de um fato ou evento).

De forma breve, explicitaremos aqui os principais valores-notícia que serão usados na análise do caso em questão.

Nos valores de seleção, usaremos: 1) notoriedade, quanto mais de elite a pessoa for, maior a chance de o fato virar notícia; 2) proximidade, geográfica ou cultural; 3) novidade, busca de fatos novos; 4) tempo, busca por assunto atuais ou de datas marcantes ou ainda tempo de exposição midiática; 5) notabilidade, ligado a acontecimentos foras do comum; 6) inesperado, algo que sai da rotina; 7) visualidade, uso e disponibilidade de elementos visuais.

Já nos de construção, encontramos: 1) amplificação, do ato em si ou de suas consequências; 2) dramatização, reforço dos aspectos mais críticos, sentimentais do fato; 3) consonância, quanto mais o fato noticiado estiver inserido numa “narrativa” já estabelecida, ou seja, em consonância com notícias já divulgadas, maior a chance de ela ser notada.

Cobertura do casamento em mídia impressa

Iniciamos aqui uma análise de discurso do conteúdo da reportagem da Revista Época de 18 de Abril de 2011 sobre o casamento real. Portanto, analisaremos o que foi dito sobre o fato e como isso se encaixa nos valores-notícia e nos moldes da sociedade do espetáculo anteriormente citados no presente artigo.

Na capa da revista, está estampada a foto do casal, com diversas chamadas para a reportagem, que contém o espaço extremamente significativo de 21 páginas nessa edição.

Nas duas primeiras páginas da reportagem já encontramos o fato explicitamente colocado como um conto de fadas, temos uma foto de página inteira do casal e na página ao lado o título "A volta do conto de fadas" (p. 76).

"Quem das mulheres não quis ser Cinderela? Qual menino não sonhou em ser Arthur?" (p. 76). Assim como a Revista Época, a mídia no geral transformou o fato num sonho da sociedade, espetacularizando o evento como se fosse uma estória com personagens míticos, na qual todos se espelham e anseiam ter também, parecer também um príncipe, uma princesa.

Nas páginas duas páginas seguintes (p. 77-79) encontramos duas fotos inteiras, uma da Princesa Diana e outra de Kate Middleton, em uma comparação. Kate é dita mais forte e mais protegida que a antecessora. Aqui encontramos a consonância como fator notícia,



bem como a questão do tempo, comparando as datas e épocas em que viveram as diferentes mulheres.

Assim como houve um "endeusamento" de Lady Di, o mesmo acontece agora com a mais nova eleita para se casar com o príncipe, com o estímulo da mídia.

A imagem de mulher forte, mais bem preparada que a mãe de seu noivo para alcançar o trono é reforçada várias vezes. Na sexta página da reportagem há um quadro comparativo das duas princesas, onde nem a altura das duas mulheres fica de fora.

As comparações continuam no texto da reportagem, onde a relação conturbada de Lady Di com seu marido Charles, se contrapõe com o relacionamento estável de Kate e William, reforçando ainda mais o conto de fadas vivido pelo casal, que é chamado de "um casal amplamente compatível" (p. 80).

A reportagem traz aspectos dramáticos quando chega ao assunto Camilla, a atual Duquesa de Cornualha que no passado assombrou a vida de Diana. Ela foi escalada para ajudar Kate com orientações e conselhos. "(...)e aí a trama ganha áreas shakesperianos.(...)Por quê Kate deveria confiar nela para ajudá-la?" (p. 83).

"Se foi planejado [o encontro de William e Kate] deu certo. A educação em colégios particulares como o internato Malborough College, com anuidades equivalentes a R\$ 52 mil, e a casa de cinco quartos da família na Vila de Berkshire, avaliada em torno de R\$ 2,6 milhões, revelaram-se bons investimentos na ascensão da filha." (p. 80)

"É o perfeito conto de fadas dos tempos modernos". (p. 80)

"O cenário da história de amor..." (p.80)

"O vestido colocou a colega com olhos de safira no radar do príncipe". (p.80)

"Mesmo estimulada a vestir-se de forma mais glamourosa, ela tem insistido em ser 'ela mesma' e usar roupas normais e de marcas acessíveis em suas aparições públicas". (p. 84)

"(...)tudo o que veste some das prateleiras em poucas horas,(...)" (p. 85)

Essas frases são exemplos de como a mídia e a sociedade do espetáculo está criando e reforçando a imagem de que esse casamento é um conto de fadas vivido por pessoas reais (o que permite que cada um sonhe com o seu), denominando o conto de fadas como a realidade e criando a imagem de Kate Middleton como a plebeia, cinderela, que já nasceu para ser princesa e está se casando com o príncipe, mas mantendo a postura de mulher forte e independente.

São seis páginas dedicadas a falar de Kate, conta com detalhes toda sua trajetória, além de investigar sobre sua vida pessoal e de sua família. Tem fotos e notícias de seu Tio Gary Goldsmith, recentemente envolvido em um escândalo na mídia por ser flagrado usando cocaína e se gabando de ter contatos na realeza. E uma prima Katrina Darling, que é dançarina em uma boate e não será convidada para o casamento. Fala-se ainda sobre a vida de seus pais e irmãos, analisando o papel de cada um na trajetória de sucesso para que Kate conhecesse William e a vida pessoal dos mesmos. Portanto, nada passou despercebido pelos meios de comunicação. Usando-se ao máximo do assunto para produzir notícias e mais notícias, enquanto a sociedade pede mais, para viver - sem viver de fato - esse conto de fadas encantado.

A reportagem traz também uma linha do tempo comparativa da vida de Kate com a de William, e o caminho que traçaram até se conhecer. Além de fotos de Kate em vários momentos, com sua mãe, seu pai, sua irmã, viajando com amigos, com a roupa que "fisgou" o príncipe, em aparições públicas. Ou seja, mais uma vez construindo a imagem da Kate princesa para o público.

Em seguida, temos seis páginas dedicadas a William. Nas fotos e no texto, também podemos ver a construção de sua imagem da mídia para a sociedade do espetáculo. Uma imagem de um "exemplo positivo" (p.86) a ser seguido pelos espectadores.

A primeira foto (p. 87) que ocupa a página inteira mostra William correndo descalço na praia, jogando rúgbi. Essa imagem está em acordo com a imagem "pés no chão" que a mídia afirma que William passa. Ele é visto como o príncipe diferente, por ter escolhido "uma noiva da plebe" (p.86), por "não ter o carisma da mãe nem a personalidade do pai" (p. 86). William, como Kate, também é mostrado em várias fotos: com a família, no enterro da mãe, viajando com o pai e o irmão, saindo de uma loja.

A reportagem de William, num primeiro momento, se foca na responsabilidade de modernização e restauração da imagem da realeza perante o povo britânico, devido a diversos escândalos ocorridos desde a morte da Princesa Diana em 97. Diferente da de Kate, que se foca em sua vida, sua trajetória, sua transformação em princesa. A parte



dedicada a William discute questões sobre a popularidade do rapaz, a ascensão ao trono, a saída da rainha e a possível abdicação do filho de Elizabeth II, o príncipe Charles (que não tem a popularidade que o casal está alcançando).

O conto de fadas prossegue nas demais páginas onde o roteiro da cerimônia é descrita com todos os detalhes. Desde o que será servido na festa, passando pela composição do buquê, a reportagem mostra um mapa e fotos do local da cerimônia, da festa e o cortejo por onde os noivos irão passar. Nenhum detalhe, por menos que seja, é esquecido.

O casamento em si, tornou-se um espetáculo, com a finalidade de melhorar a imagem da monarquia, "Eles poderiam ter optado por um evento menor, mas precisam encontrar formas de promover a instituição. Por isso, gastam milhões de libras para manter o interesse do público". Essa declaração dada pela Revista *Época* na página 91 não poderia estar mais de acordo com a ideologia da sociedade do espetáculo moderna, onde a alienação é mantida pela economia para que as mercadorias não parem de circular. Entendendo mercadoria num sentido mais amplo da palavra, tanto o príncipe William, quanto a plebeia Kate e seu inventado conto de fadas se tornaram as mercadorias da monarquia inglesa.

Muitos valores-notícia podem ser observados e destacados na influência da escolha e produção dessa reportagem. Em primeiro lugar, encontramos a notoriedade e notabilidade, já que estamos tratando de pessoas reconhecidas universalmente, que fazem parte da elite econômica e social, além de o casamento ser um fato notório, que não ocorre com frequência, portanto, fora do comum.

A questão do tempo é encontrada nas comparações feitas entre o casamento de Diana, sua personalidade e sua morte; com a princesa Kate, e a sua relação com William. Nesse sentido, encontramos também o valor de consonância, já que a narrativa do casamento real atual é complemento de décadas de história onde personalidades da realeza inglesa já realizam seus próprios casamentos, com o interesse da sociedade e da mídia.

Para a produção da matéria, destaca-se a simplicidade (temos todos os meios para tornar a reportagem clara, como mapas e linhas do tempo) além da visualidade (o uso de diversas fotos). Há também a presença da personificação, como não poderia deixar de ser e a da dramatização, que apela para o sentido emocional da cerimônia, o romantismo, o conto de fadas.



Cobertura do casamento em mídia televisiva

Para ilustrar a cobertura televisiva do casamento real. Vamos analisar três edições do Programa Fantástico exibido semanalmente pela Rede Globo. As edições analisadas são dos dias 17 e 24 de abril, antes do casamento, e 1 de maio, após o casamento. O Programa Fantástico tem aproximadamente 150 minutos.

No dia 17 de abril, foi exibida uma reportagem de quatro minutos e vinte segundos em que a repórter juntamente com uma consultora de moda vão até uma rua popular em busca de vestidos parecidos com o da princesa Kate por um preço acessível. Isso reforça a pseudonecessidade em ter vestidos parecidos e parecer-se com a princesa, criada pela sociedade do espetáculo.

No dia 24 o programa mostra Margareth Tayler, uma aposentada de 67 anos que coleciona objetos que lembram a realeza inglesa. Ela os tem espalhados por toda a casa e confessa gastar metade de sua aposentadoria comprando essas lembranças. Margareth é um exemplo dessa sociedade alienada, que contempla o mundo das imagens e é absorvido por ele, vivendo uma *pseudovida*. A reportagem tem sete minutos.

Nessa mesma edição, vai ao ar uma matéria de quatro minutos falando sobre onde o casal vai ver (e o príncipe já vive) após o casamento. Essa matéria é um exemplo do valor de novidade, onde o assunto ainda não foi esgotado pela mídia mas precisa de um fato novo para ressurgir, no caso, a moradia do casal.

No dia primeiro de maio, após o casamento, o Fantástico produziu uma matéria com especialistas em leitura labial para “ouvir” os sussuros durante a cerimônia de casamento. Mais uma vez podemos encontrar o valor da novidade. Uma nova forma de avaliar e divulgar o casamento. Durou três minutos.

Nesse mesmo dia houve uma matéria de seis minutos a respeito de dicas de vestimenta para noivas. Gloria Kalil, consultora de moda, vai ao encontro de um casal brasileiro que vai se casar no mesmo dia que o casal real, para auxiliá-los nas roupas dos noivos, padrinhos e convidados. Isso reforça a imagem do conto de fadas, aumenta a expectativa de viver o seu próprio conto, além de trazer o valor da personificação mais próximo dos brasileiros, já que mostra um casal daqui, a “princesa nacional”. O que se encaixa também no valor da proximidade, geográfica, o que aumenta a identificação por parte dos brasileiros e influencia na ilusão provocada por esse espetáculo, aumentando-a.

Por fim, o quadro do programa que se chama Cupido e apresenta histórias de amor, mostrou nesse dia a história de um “conto de fadas com a ajuda de uma fada madrinha”,



como o programa definiu. É a história de um casal que ia se casar e o vestido da noiva foi roubado horas antes do casamento, com a ajuda de uma amiga, a fada madrinha, ela subiu ao altar com um vestido emprestado, realizando seu sonho de se casar num belo vestido, na igreja.

Mesmo não citando o casamento real, podemos perceber de que essa história foi mostrada fazendo uma alusão ao casamento de William e Kate, já que usa palavras como “conto de fadas”, “fada madrinha”. Isso mostra como a imagem do espetáculo se expande, alcança cada parte da vida das pessoas, alienando-as completamente. Esse quadro exibindo essa história uma semana após o casamento, exprime que o mesmo já tem a imagem consolidada como um conto de fadas vivido por pessoas reais, como expande essa ideia para que demais casais, para que a sociedade, compartilhe dessa ideia e reconheça-se nesse espetáculo. A exibição desse quadro durou 11 minutos, um tempo considerável em aspectos de exibições televisivas.

Considerações finais

O casamento de William e Kate se caracteriza num espetáculo pelas diversas informações que se surgiram a partir dele na mídia. Na sua divulgação, a mídia buscava implantar na sociedade a ilusão do “conto de fadas verdadeiro”, com o intuito de que, mais uma vez, a sociedade contemple, aceite e viva por meio das imagens produzidas e intercambiadas, como afirma Debord. A família real, nessa sociedade vivida através das imagens, gastou fortunas para restaurar sua própria imagem e, assim, fazendo desse casamento um grande espetáculo.

Os espetáculos, segundo Debord, trazem consigo pseudonecessidades, que nós criamos para nós mesmos. No caso analisado, podemos trazer de exemplos o casamento em si, vivido como um conto de fada, como uma necessidade que está sendo transmitida, já que a partir dele todas as noivas desejam casamentos luxuosos como o casamento real. Podemos citar, também, a matéria do Programa Fantástico que vai às ruas em busca de vestidos acessíveis e parecidos com os de Kate, ou seja, inseriu-se nessa sociedade, nesse momento, a ideia de que o que é bonito e deve ser usado são os vestidos que a plebeia que vai se casar com o príncipe usa.

Ainda na questão das imagens, podemos ver, através das comparações feitas entre a Princesa Diana e a Princesa Kate, na Revista Época, como está sendo feita a criação da imagem da “nova princesa ideal” para a monarquia inglesa. Antes, a imagem era de uma jovem virgem, que precisa de proteção, ingênua – como foi Diana; atualmente a



princesa deve ser independente, forte, inteligente, moderna – como constantemente se tem afirmado sobre Kate.

A ideia de Debord sobre a contemplação da vida, ao invés de viver-la de fato, é muito bem representada na reportagem em que a senhora Margareth Tayler afirma que sente parte da família real e tem pequenas lembranças da mesma por toda a casa, apesar de não ter muitas fotos de sua própria família. A sociedade do espetáculo criou nela essa imagem de proximidade com a realeza que não acontece de fato, além de incutir em sua vida o desejo de fazer parte dessa família. Assim sendo, ela deixa de dar atenção para sua própria vida, sua própria família, reservando seu afeto e dinheiro para os objetos que compra por lembrar-lhe a monarquia inglesa.

Esse evento abrangeu também grande parte dos valores-notícia propostos por Traquina, apesar de não trazer nenhuma informação que impacte na vida da sociedade, a não ser o impacto da criação e manutenção das pseudonecessidades.

No caso da reportagem da Revista Época, por exemplo, está o valor de ampliação, onde o fato é abordado de forma ampliada, por todos os caminhos, alcançando esse número de páginas que normalmente não seria dedicado a um só assunto.

Encontramos também o valor de novidade, esse é facilmente identificado em diversos momentos da análise. A busca incessante pela novidade foi o que levou o Programa Fantástico a trazer matérias sobre a busca por vestidos como os de Kate; encontrar um casal que ia se casar no mesmo dia que o casal real; produzir mais uma matéria sobre moda falando sobre vestidos para casamentos; mostrar a futura moradia do casal. Na mídia impressa, podemos verificar que a família de Kate Middleton foi toda investigada, detalhadamente, em busca de novos fatos para “apimentar” as notícias – também envolvendo outros valores como a notabilidade, trazendo fatos novos e foras do comum acerca da família da noiva.

Podemos também citar o trecho em que a revista fala de Camilla, Duquesa de Cornwallha, como um uso do valor de dramatização. Aqui, inseriu-se um conflito na história, para deixá-la mais interessante. Ainda com um “ar novelesco”, como se o conto de fadas fosse realmente uma trama, uma narração a ser acompanhada. Assim, identificamos também o valor de consonância, já que em todo o momento vemos uma narração da história sendo feita, desde os tempos que a Princesa Diana se casou, passando por sua morte, pela forma que o jovem casal William e Kate se conheceu e o casamento em si.



Cabe aqui uma reflexão sobre se os valores-notícia que são priorizados são os que trazem mais vantagens para a sociedade que recebe as informações. Além de fazer com que essa sociedade olhe para si mesma, realize uma autocrítica acerca da forma como reagimos frente às imagens que diariamente recebemos e passivamente aceitamos.

Esse artigo se propôs a analisar esse evento para explicitar, através desse caso, a organização espetacular da sociedade na qual vivemos. Para que ela tome consciência de sua própria condição de vida, ou *pseudovida*.

REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume I. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

A volta do conto de fadas. **Revista Época**. Rio de Janeiro: Globo. P.76-96. 18 de abril de 2001.

Programa Fantástico. Exibições dos dias 17 de abril, 24 de abril, 1 de maio. Rede Globo.

Disponível nas URLs:

<http://www.youtube.com/results?search_query=programa+fantastico+17+04+2011&aq=f>

<http://www.youtube.com/results?search_query=programa+fantastico+24+04+2011&aq=f>

<http://www.youtube.com/results?search_query=programa+fantastico+01+05+2011&aq=f>